

Um guia para estudos sobre alteridade...

REU

Com o propósito de abrir mais um espaço de reflexão sobre a alteridade, neste número da REU, que trata dessa temática, apresentamos uma entrevista realizada com a Prof. Dra. Christine Greiner, que é docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, graduou-se em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (1981), possui mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991), doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), pós-doutorado pela Universidade de Tóquio (2003), pós-doutorado pela *International Research Center for Japanese Studies* (2006) e pós-doutorado pela *New York University* (2007). Atualmente desenvolve pesquisas nos seguintes temas: arte, cultura e semiótica.

Nesta entrevista, a professora contribui com reflexões acerca da alteridade, bem como faz um inventário de estudiosos do assunto. Vale acompanhar as suas ideias e observar a sua valiosa contribuição ao sinalizar que é necessário “compreender a cultura para além do entendimento de nação, que marcou a constituição dos Estados Modernos.” Explica também que “a semiótica nos ajuda a rever noções estagnadas de identidade. Ao admitir a realidade como um sistema sógnico, a cultura se constitui em processo e não como um bloco hegemônico e essencial.”

REU: Para Todorov, “a descoberta do outro tem vários graus, desde o outro como objeto, confundindo com o mundo que o cerca, até o outro como sujeito, igual ao eu, mas diferente dele, com infinitas nuances intermediárias”. Seria possível explicitar algumas dessas nuances considerando-se a relação da pessoa com seu próprio corpo?

Christine Greiner: Para esta discussão tem me interessado muito um autor italiano chamado Roberto Espósito. Ele tem trabalhado a hipótese de que o termo "pessoa" é um dispositivo de poder muito significativo, talvez um dos mais poderosos hoje. Definir se o "outro" é pessoa ou não, norteia todo processo político que envolve relações de alteridade. Indico particularmente o seu livro traduzido em espanhol como "*Tercera Persona, política de la vida y filosofía de lo impersonal*", edições Amorrortu.

Há exemplos clássicos como o da II Grande Guerra, quando judeus, negros, comunistas, entre outros, não atendiam ao estatuto de pessoa podendo ser facilmente eliminados. E podemos pensar em outras situações contemporâneas, como dos indigentes, os moradores de rua, terroristas, indígenas e, em certas circunstâncias, "orientais". Giorgio Agamben reconduz a discussão chamando estas não pessoas descartáveis de homo sacer, a partir da terminologia do Direito Romano. Tal debate começa com seu livro *O poder Soberano e a Vida Nua, homo sacer I*, traduzido em português pela editora da UFMG.

REU: Em que medida as narrativas midiáticas podem contribuir para a coexistência de diferentes ou apagar aspectos diferenciais e específicos do outro?

Christine Greiner: O que tenho observado é que normalmente as narrativas midiáticas não apagam aspectos diferenciais, mas aprofundam as fissuras radicalizando o que Boaventura de Souza Santos identifica como linhas abissais. O seu livro organizado em parceria com Maria Paula Meneses, *Epistemologias do Sul* (publicado no Brasil pela editora Cortez) define com clareza tais linhas invisíveis que nascem nos processos de colonização e persistem, em diversas instâncias, até hoje. Uma delas refere-se às fronteiras cognitivas entre norte e sul, e outra, recorrente, aponta para a separação entre Leste e Oeste, Oriente e Ocidente.

REU: Como se deu, em linhas gerais, a construção da concepção do que é o “Oriente”?

Christine Greiner: As primeiras tentativas de definir o Oriente ocorreram no período das Grandes Navegações. Há uma vasta bibliografia que mescla cadernos de viagens, romances e diários, acerca das primeiras impressões de viajantes e missionários acerca dos povos orientais, em um bloco único e indistinto no que se refere ao Oriente Médio e a Ásia.

REU: Como você avalia os estudos de Said para a compreensão das nossas concepções relativas ao “oriental”?

Christine Greiner: Said foi um autor fundamental para iniciar a discussão em larga escala. O seu livro, que se tornou um *best seller*, foi amplamente traduzido e lido no mundo todo, ajudando a criar um campo de estudos nas universidades ocidentais, para lidar com as questões da alteridade, do orientalismo e das traduções transculturais. No entanto, não se pode dizer que foi o único a lidar com o tema. Há uma rede de autores que se dedicaram a propor questões sobre o tema, antes e depois da obra de Said. Para tanto, recomendo, por exemplo, a coletânea "*Orientalism, a Reader*", organizado por A.L.Macfie e publicado pela Universidade de Edinburgo, em 2000. Os textos mais fundamentais para a discussão estão reunidos nesse livro, inclusive alguns do próprio Said e seus comentadores.

REU: Quais são os estudiosos que você indica para tratar da temática da alteridade? Por quê?

Christine Greiner: Acredito que já citei alguns nomes durante as respostas anteriores. No entanto, gostaria de destacar mais um, que considero absolutamente fundamental e lida de maneira bastante profunda com o tema da colonização e pós-colonização. Refiro-me a Homi Bhabha. O seu livro traduzido em português pela UFMG, *O Local da Cultura*, é absolutamente fundamental para todos que estão interessados em "alteridade". Bhabha demonstra como os efeitos mais graves da colonização que se desdobram na quase impossibilidade de se lidar com a "alteridade" se referem à inversão dos jogos de poder. Quando o colonizado tem a possibilidade de se deslocar no âmbito político e social, via de regra, ele não desestabiliza as dicotomias entre "eu e outro", mas inverte o jogo e busca subjugar aquele que no passado o subjogou. Outro efeito nocivo observado por Bhabha é o da mimese. Segundo esse autor, o problema mais grave dos indianos, por exemplo, não era propriamente imitar os

anglicanos colonizadores com vestes e comportamentos, mas imitar a imagem que os anglicanos faziam deles. Considero este diagnóstico perfeito para pensarmos em nós brasileiros, quando nos esforçamos para representar a imagem que os estrangeiros esperam de nós. Infelizmente vejo isso acontecer diversas vezes, até mesmo entre artistas que anseiam, por exemplo, ser selecionados para Festivais Internacionais. Para impressionar os curadores, passam a abordar "temáticas brasileiras". Isso se dá em vários níveis e em grupos diversos da sociedade.

REU: Você já desenvolveu pesquisas que podem sinalizar para como nós brasileiros “percebemos” os orientais?

Christine Greiner: Estou, neste momento, finalizando a escrita de um livro sobre Leituras do Corpo no Japão. É o primeiro volume de uma longa pesquisa e que, especialmente no segundo volume, abordará, em diversos aspectos, a questão da percepção. Além disso, tenho organizado nos últimos cinco anos, diversas coletâneas de ensaios, escritos por vários autores brasileiros e estrangeiros, preocupados com o tema.

REU: Como as mídias, em linhas gerais, podem ou poderiam contribuir para ressignificar nossas concepções sobre o oriental?

Christine Greiner: Em primeiro lugar, seria importante, não apenas para as mídias, mas para todo segmento educacional, deixar de abordar o tema a partir de categorias dadas e grandes generalizações como "oriental" e "ocidental". Tem me parecido mais coerente discutir singularidades. Cada país tem as suas singularidades, e dentro de cada país elas se multiplicam, em cada bairro, em cada comunidade. Não é mais possível seguir estigmatizando as culturas como se elas se constituíssem de maneira endógena e dada a priori. Neste sentido, toda bibliografia política que citei anteriormente ajuda a compreender a cultura para além do entendimento de nação, que marcou a constituição dos Estados Modernos. A semiótica também nos ajuda a rever noções estagnadas de identidade. Ao admitir a realidade como um sistema sócio-cultural, a cultura se constitui em processo e não como um bloco hegemônico e essencial.

Christine Greiner – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo | SP | Brasil
Contato: christenegreiner3@gmail.com

REU - Universidade de Sorocaba – Uniso. Sorocaba | SP | Brasil.
Contato: edunisoeditorauniso@gmail.com